

# COMBATES & RITUAIS

---

Como um artesão explicando a maneira de fazer, a sua "carpintaria científica", as teorias utilizadas ou produzidas, a metodologia seguida, o artesanato enfim que aplicou para chegar ao seu produto, este é o propósito da nova seção de *Resgate* ao ouvir os autores de dissertações e teses universitárias, já defendidas e aprovadas, que de alguma maneira representam o moderno pensamento brasileiro.

Há um saber institucionalizado no qual se investem milhões, se mobilizam recursos humanos e materiais, sem que o resultado final, em grande parte, chegue a uma população maior de leitores. Não são publicados, permanecem inéditos e com isso não atingem os seus objetivos, que seriam os de fazer avançar a ciência, gerar mais conhecimento, promover o debate, estimular o ensino e a pesquisa.

Uma seção aberta, que entretanto não se propõem representar em extensão e/ou profundidade, a produção científica, literária e artística que a Universidade brasileira entrega à sociedade diariamente, mesmo porque isto seria impraticável no momento, dadas as dificuldades de informação para levantarmos e acompanharmos essa massa de conhecimentos, que assume dimensões muito acima da capacidade da revista. Nem as universidades e entidades voltadas para a pesquisa conseguem montar bancos de teses que cubram esse movimento, o que nos leva então simplesmente a tentar abrir um espaço para divulgação desse saber, através da palavra do próprio autor, que inclusive passe ao leitor uma idéia do seu processo de trabalho, com as limitações e contradições que cercam esse fazer num país de Terceiro Mundo.

## ESCRAVOS E COMETAS. MOVIMENTOS SOCIAIS NA DÉCADA DA ABOLIÇÃO\*

*Maria Helena Pereira Toledo Machado*

*Escravos e Cometas*, tendo como tema principal de análise os movimentos sociais que povoaram a década de 1880 no sudeste cafeeiro, propõe-se resgatar das sombras do esquecimento e dos silêncios dos discursos oficiais movimentos, idéias e projetos a respeito da abolição e do papel social do negro liberto e dos desclassificados sociais em geral na construção de uma nação que buscava desvencilhar sua imagem das feridas da instituição servil.

A partir da sistematização da prolixa documentação policial referente à Província de São Paulo, complementada por fontes diversas — bibliográficas, cartoriais e relatórios públicos — pretendeu-se recompor, ao menos em seus ensaios mais substanciais, os mecanismos de penetração do abolicionismo nas fazendas, bem como a dinâmica peculiar que compunha o amplo espectro ideológico que se derramava nas plantações em busca de seus interlocutores diretos.

O espoucar dos movimentos de escravos nas fazendas, com seu cortejo de violências e desafio à tranqüilidade pública, configurando uma situação em que o desgoverno da mão-de-obra andava de mãos dadas com a inversão da ordem social, aterrorizava as populações das cidades cafeeiras, freqüentava os pesadelos mais íntimos dos fazendeiros, materializando-se, finalmente, no corre-corre das polícias. Estas últimas, mal adestradas e sofrivelmente municidadas, acabavam por agir apenas como bombeiros que hoje apagam o foco de incêndio aqui para poder amanhã abafar o de acolá.

Tendo se tornado um dos principais problemas a ser enfrentado neste período, a questão da manutenção da segurança pública e da ordem, fortemente ameaçadas pela eclosão de freqüentes sedições de escravos e pela descoberta da organização de tantas outras, com mãos abolicionistas, implicaram a montagem, por parte das autoridades policiais, com a anuência dos governos provincial e imperial, de uma estratégia de desinformação e censura no tratamento público da questão escrava. Incapazes de fazer frente às tropelias dos escravos e à ousadia dos abolicionistas, buscava-se descaracterizar a periculosidade das ocorrências que envolviam estas categorias, evitando o pânico das populações e a emergência de uma discussão generalizada sobre a deterioração dos mecanismos de controle social e a urgência da resolução da instituição servil.

Insubmissão às regras do trabalho em eitos — pecha do trabalho escravo —, movimentos espontâneos de ocupação das terras disponíveis, revoltas proto-messiânicas, fugas, abandono das fazendas pelos escravos, são aspectos que a historiografia social da escravidão já enfocou em outras áreas escravistas no Novo Mundo e que neste trabalho procuro abordar: trata-se de trazer à tona uma pesquisa, realizada sobre os distritos cafeeiros na década de 1880, em diferentes arquivos e cartórios de São Paulo e Rio de Janeiro, nos

\* Tese de Doutorado, FFCHL/USP, 1991.



quais realizou-se uma investigação documental de papéis que, pelo difícil acesso, continuam a deteriorar-se sob a guarda descuidada da justiça.

Escravos, libertos e as muitas condições intermediárias que o aproximar da abolição produzia sem poder, com clareza, administrar, povoam sobretudo os dois primeiros capítulos desta tese, na qual me esforcei por resgatar suas concepções de liberdade, vida social e trabalho independente, em permanente choque com projetos outros, nos quais o suprimento de mão-de-obra abundante às fazendas cafeeiras implicava a manutenção desta população a escala da dependência e da desclassificação social.

Em contraponto, no universo urbano, largas fatias das camadas médias, mal-agasalhadas pelos figurinos políticos do Império, juntamente com o populacho turbulento e desenraizado que o inchamento das cidades gerava, sem gerir, engajavam-se ao movimento abolicionista, imprimindo neste as marcas peculiares de um difuso protesto contra a ordem patrimonialista, que a proeminência dos fazendeiros delimitava.



A par dos longos debates políticos-parlamentares, em que a questão premente do abastecimento de braços e da feição mestiça da população brasileira, ditavam uma política emancipacionista e imigracionista na condução de uma transição conservadora e impermeável às transformações, outras vozes se levantavam.

Vozes dissonantes, projetos reformistas, idéias radicais sobre a abolição e o papel social do chamado elemento nacional, surgiam, no ambiente das cidades, expressando o descontentamento de setores da população com os destinos da sociedade brasileira. A anatomia do abolicionismo urbano, bem como seu espraiamento ao mundo dos eitos e senzalas, são aspectos abordados nos dois últimos capítulos deste trabalho.

Fermentação nova nos acanhados cenários políticos do Império, o abolicionismo recrutava seus pares tanto entre os setores mais avançados das camadas médias, quanto junto à temida arraia-miúda urbana, que nas cidades da década de 1880, mostrava sua feição combativa nos motins urbanos — como na Revolta do Vintém, na Corte de 1880 —, nos *meetings* abolicionistas e nos confrontos de rua, onde a plebe desordeira não titubeava em enfrentar as forças identificadas com a ordem escravocrata.



Igualmente, o abolicionismo da década de 1880 atraía para seus quadros toda uma malta de homens desenraizados — imigrantes, viajantes, indivíduos sem pátria e sem família — que constituíram, por seu perfil mais volátil, a linha de frente na arriscada tarefa de estabelecer os laços entre o mundo urbano e as populações escravas.

Penetrando nas senzalas e eitos, desde os princípios daquela década, os setores mais avançados do abolicionismo se esforçavam por estabelecer pontos de contacto entre a inquietação escrava das fazendas e a movimentação das cidades. Ousadas revoltas, sedições violentas, preparação de insurreições generalizadas foram aspectos do transbordamento do movimento abolicionista das cidades em direção às fazendas.

Mal conhecida até pelos contemporâneos, severamente censurada pelas autoridades policiais, a penetração do abolicionismo nas senzalas, mesmo em suas tentativas malsucedidas e sua linguagem deslocada do mundo dos escravos, revelam, em sua ousadia, o transbordamento dos diques de contenção da ordem social escravista do Império.

O cimentar de solidariedades entre escravos, libertos, plebe e abolicionistas radicalizados, mesmo como virtualidade, foi percebido e combatido pelas autoridades, como um dos maiores desafios à superação controlada e conservadora da ordem escravista.

O evento da abolição, tratado ainda nas primeiras décadas deste século como “onda avassaladora que invadiu corações e mentes”,<sup>1</sup> passou, nos últimos tempos, a ser abordado como mera coroação da vitória dos projetos mais reacionários, num fortemente controlado processo social, sob a liderança dos setores mais dinâmicos da cafeicultura paulista. Desprezada pela historiografia, a fermentação social que caracterizou a década de 1880 foi esquecida. A carência de pesquisas documentais relativas aos aspectos menos visíveis desta campanha é uma das causas relevantes desta tendência, que aqui procuro parcialmente sanar.

Porém, nisto subsiste um outro mal-entendido. Se o desfecho do processo de aniquilamento da instituição servil foi melancólico, os libertos formalmente expelidos dos espaços mais dinâmicos da sociedade brasileira e os largos setores engajados em projetos abolicionistas-reformistas derrotados, o debruçar sobre a década de 1880 ainda permite que se escute o protesto dos descontentes.

1. Antonio Manuel Bueno de Andrade. Depoimento de uma Testemunha, *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo*, vol. XXXVI, junho de 1939, p. 216.